

O grande espetáculo da guinada à direita¹

The Great Moving Right Show

Stuart Hall

(1932-2014). Teórico cultural britânico-jamaicano que viveu e atuou no Reino Unido. Em 1979, após Thatcher se tornar primeira-ministra, escreveu uma análise de conjuntura sobre o populismo autoritário para a revista Marxism Today, dando continuidade às discussões de “Policing the Crisis” (1978). Universidade de Birmingham, Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, Birmingham, Inglaterra.

Ninguém seriamente preocupado com estratégias políticas na atual conjuntura pode se dar ao luxo de ignorar a guinada à direita [*Swing to the Right*]. Podemos ainda não ter entendido sua extensão e limites, suas especificidades, suas causas e efeitos. Nós, até agora — com uma ou duas exceções notáveis —, falhamos na procura de estratégias capazes de mobilizar forças sociais profundas o bastante para contra-atacar. Mas essa tendência é difícil de negar. Não parece mais uma guinada temporária na conjuntura política, uma mudança de curto prazo no equilíbrio de forças. Tem sido bem discutida — uma preocupação contínua — desde a última parte da década de 1960. E, embora tenha se desenvolvido através de uma série de fases diferentes, a sua dinâmica e o seu *momentum* parecem ter sido prolongados. Precisamos discutir os seus parâmetros na esquerda de forma mais completa e franca, sem inibição ou garantias incorporadas.

Alguns aspectos ganharam a atenção da esquerda: a dura estratégia industrial e econômica do atual governo face à recessão e à crise da acumulação de capital; a emergência do “Thatcherismo” e as campanhas antiesquerda; a ascensão da Frente Nacional Britânica como uma força política declarada. Mas todas as dimensões da guinada à direita continuam a escapar de uma análise adequada. Talvez porque a crise

¹ Tradução de Gabriel Martins da Silva (Sociólogo e mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pelo Departamento de Letras da PUC-Rio) e Mateus Sanches Duarte (Sociólogo e PhD Student em Romance Studies pela Duke University), com permissão de Catherine Hall (Copyright © Catherine Hall), detentora dos direitos, 2022.

continua a ser "lida" pela esquerda a partir de certas posições de "senso comum" bem centradas e respeitáveis. Muitas delas já não proporcionam um quadro analítico ou teórico adequados: as políticas que delas emanam continuam muito aquém do seu objetivo.

Assim, há quem ainda argumente que "pior significa melhor" – isto é, um agravamento das contradições. Tal posição é frequentemente baseada na crença do inevitável ritmo crescente da luta de classes e na vitória garantida das "forças progressistas em tudo quanto é lugar". Aqueles que a defendem têm memória política curta. Esquecem-se da frequência com que, na história recente, um agravamento das contradições conduziu às "conciliações" e às soluções que favoreceram o capital e a direita, em vez do contrário. A resposta mais comum à esquerda é provavelmente interpretar a "guinada à direita" como uma simples expressão da crise econômica. Assim, o "Thatcherismo" é — coloque ou tire um ou dois elementos — o companheiro político correspondente de um período de recessão capitalista: as diferenças significativas entre essa e outras variantes da "filosofia" Tory sendo concebidas sem quaisquer efeitos políticos ou ideológicos específicos pertinentes. E a Frente Nacional Britânica é a face irracional há muito esperada do capitalismo — o inimigo de classe no conhecido disfarce fascista.

Características específicas

Essa posição negligencia tudo que é particular e específico a *essa* conjuntura histórica. Ela encara a história como uma série de repetições. Baseia-se numa noção de formação social como uma estrutura simples na qual os fatores econômicos serão imediata e transparentemente traduzidos para os níveis político e ideológico. Está sob o signo de todos os "economicismos" ao supor que, se você operar no "nível determinante" — a frente econômica —, todas as outras peças do quebra-cabeça cairão no seu devido lugar.

Impede-se assim, teórica e politicamente, de trabalhar naquelas contradições relacionadas, mas distintas, movendo-se de acordo com ritmos muito diferentes, cuja condensação, em qualquer momento histórico particular, é o que define uma conjuntura. Negligencia a lembrança de Lenin (2005, p. 30) de "uma situação histórica extremamente original", na qual se fundiram, "com uma notável 'harmonia', *correntes absolutamente diferentes*, interesses de classe *absolutamente heterogêneos*, tendências políticas e sociais *absolutamente opostas*". É dado como certo o que precisa ser explicado: como uma recessão econômica capitalista é presidida por um partido socialdemocrata no poder (politicamente) com apoio massivo da classe trabalhadora e profundamente organizado nos sindicatos; e "vívida" para um número crescente de pessoas

através dos temas e representações (ideologicamente) de uma virulenta e emergente ideologia "pequeno-burguesa". Essas características da situação atual não são tanto expressões da crise econômica (seu reflexo político e ideológico) quanto são fatores que *têm efeitos* – incluindo efeitos sobre a própria crise econômica e suas possíveis soluções.

Também se encontram nesta discussão variantes de "otimismo revolucionário" e "pessimismo revolucionário". Os pessimistas argumentam que não devemos causar problemas nem desmoralizar as forças já dispersas da esquerda. A eles só se pode responder com a injunção de Gramsci: dirigirmo-nos "violentamente" para o presente *tal como ele é*, se estivermos a falar a sério sobre a sua transformação. Os otimistas lançam dúvida sobre os céticos: procurar os pontos de resistência — a luta de classes continua. Claro que, em certo sentido, eles têm razão. Temos de olhar por detrás dos fenômenos de superfície, temos de encontrar os pontos de intervenção, não devemos subestimar a capacidade de resistência e luta. Mas, se estivermos certos sobre a profundidade da guinada à direita, então as nossas intervenções têm de ser pertinentes, decisivas e eficazes. Assobiar no escuro é um risco ocupacional não totalmente desconhecido da esquerda britânica. "Pessimismo da inteligência: otimismo da vontade".

Fascismo

Finalmente, há o "fascismo". Há um sentido no qual o aparecimento do fascismo organizado no palco político parece resolver tudo para a esquerda. Ele confirma nossas piores suspeitas, despertando fantasmas e espectros familiares. O fascismo e a recessão econômica juntos parecem tornar transparentes aquelas conexões que na maioria das vezes são opacas, ocultas e deslocadas. Basta com essas especulações teóricas! Afinal, as garantias marxistas estão todas no lugar, chamando atenção. Vamos tomar as ruas. Este não é um argumento contra tomar as ruas. De fato, as intervenções diretas contra o crescimento da Frente Nacional Britânica — campanhas locais, a ação antifascista nos sindicatos, nos conselhos comerciais, nos grupos de mulheres, a mobilização por trás da Liga Antinazista, as contramanifestações, sobretudo a *Rock Against Racism* (uma das mais oportunas e melhor construídas das intervenções culturais, retribuindo uma análise séria e prolongada) — constituem algumas das poucas histórias de sucesso da conjuntura. Mas é um argumento contra o comodismo que às vezes nos acomete de aplicar esquemas simplificadores para analisar eventos complexos. O que temos que explicar é um alinhamento com o "populismo autoritário" — uma forma excepcional de Estado capitalista — que, diferentemente do fascismo clássico, tem mantido a maioria das (porém não todas) instituições representativas formais funcionando, e que ao mesmo tempo tem sido

capaz de sustentar uma base ativa de apoio popular. Isso sem dúvida representa uma alteração decisiva no equilíbrio da hegemonia, e a Frente Nacional Britânica tem exercido um papel de “figurante” nesse drama. Isso implicou um enfraquecimento notável das formas e iniciativas democráticas, mas não sua suspensão. Podemos perder justamente as especificidades *dessa* forma excepcional da crise do estado capitalista ao simplesmente rotulá-la [*name-calling*].

A guinada à direita é parte do que Gramsci chama de fenômeno “orgânico”:

Tem lugar uma crise que, às vezes, prolonga-se por dezenas de anos. Esta duração excepcional significa que se revelaram contradições insanáveis na estrutura... e que, apesar disso, as forças políticas que lutam para conservar e defender a própria estrutura existente estão fazendo esforços para curá-las dentro de certos limites, e para superá-las. Estes esforços incessantes e persistentes... formam o terreno conjuntural e é sobre este terreno que as forças da oposição se organizam. (GRAMSCI, 2007, p. 36)

Gramsci insistiu em colocar os aspectos “orgânicos” e “conjunturais” da crise em uma relação adequada. O que define o “conjuntural” — os terrenos imediatos de luta — não são simplesmente as condições econômicas dadas, mas precisamente os esforços “incessantes e persistentes” que estão sendo feitos para defender e conservar a posição. Se a crise é profunda — “orgânica” —, esses esforços não podem ser meramente defensivos. Eles serão *formativos*: um novo equilíbrio de forças, a emergência de novos elementos, a tentativa de reunir um novo “bloco histórico”, novas configurações políticas e “filosofias”, uma profunda reestruturação do Estado e discursos ideológicos que constroem a crise e a representam como “vívida”, como uma realidade prática; novos programas e políticas, apontando para um novo resultado, um novo tipo de “conciliação” — “dentro de certos limites”. Estes não “emergem”: eles têm que ser construídos. É necessário um trabalho político e ideológico para desarticular antigas formações, e para retrabalhar seus elementos em novas configurações. A “guinada à direita” não é um reflexo da crise: ela mesma é uma *resposta* à crise. Quero examinar certas características dessa resposta, concentrando-me em alguns aspectos político-ideológicos negligenciados.

Crise econômica

Devemos examinar primeiro as condições precipitantes. Trata-se de um conjunto de histórias descontínuas, mas relacionadas, ao invés de movimentos puros e correspondentes. Em termos econômicos, a fraqueza estrutural industrial e econômica da Grã-Bretanha emerge na sequência imediata do boom do pós-guerra. Os anos de 1960 são marcados pelas oscilações entre a recessão e a recuperação, com uma

constante deterioração subjacente. Estas destroem efetivamente os últimos resquícios do "programa radical" que fez com que Wilson ganhasse o poder em 1964, tentando liderar um novo bloco social. No final dos anos de 1960, a economia mergulhou em uma recessão em escala total — a queda da inflação — que sustenta o excepcional “*Heath course*” de 1971-4, com suas colisões frontais com organizações sindicais. Em meados da década de 1970, os parâmetros econômicos são ditados por uma sincronização entre a recessão capitalista em escala global e a crise da acumulação de capital específica da Grã-Bretanha — o elo fraco da corrente. A política interna foi assim dominada por estratégias de gestão de crises e contenção: mergulhou num estado cada vez mais intervencionista, assegurando as condições de produção e reprodução capitalista. A estratégia tem um caráter distintamente corporativista — incorporando seções da classe trabalhadora e dos sindicatos no acordo entre o Estado, o capital e o trabalho, os três “interesses”. A gestão de crise tem se baseado sucessivamente nas diferentes variantes de um mesmo *repertoire* básico: política de rendimentos, primeiro por consentimento, depois por imposição; restrição salarial; contratação social. O governante “natural” dessa crise tem sido o partido da socialdemocracia no poder. Este último fator tem tido efeitos profundos na desorganização e na fragmentação das respostas da classe trabalhadora à própria crise.

No nível ideológico, no entanto, as coisas se moveram em um ritmo bastante diferente e, em certo sentido, antecedem os aspectos econômicos. Muitos dos temas-chave da direita radical — lei e ordem, a necessidade de disciplina social e autoridade diante de uma conspiração dos inimigos do Estado, o início da anarquia social, o "inimigo interno", a diluição do estoque britânico por imigrantes negros — estão bem articulados antes que as dimensões totais da recessão sejam reveladas. Eles emergem relacionados aos movimentos radicais e polarizações políticas dos anos 1960, para os quais “1968” deve permanecer como uma referência conveniente, embora inadequada. Alguns desses temas são progressivamente traduzidos para outras frentes, como o confronto dentro das organizações sindicais e a resistência militante que se desenvolve durante o interregno de Heath. Para a constituição da temática principal da direita radical, isto deve ser visto como um momento formativo. (Tentamos uma análise mais completa deste momento em outro lugar: os capítulos *Exhaustion Of Consent* e *Towards the Exceptional State* em *Policing the Crisis*. Hall, Clarke, Critcher, Jefferson e Roberts. Macmillan, 1978).

A Direita Radical

A direita radical não aparece do nada. Ela deve ser entendida em relação direta com formações políticas alternativas que tentam ocupar e comandar o mesmo espaço. Ela está engajada numa luta pela

hegemonia, dentro do bloco dominante, tanto contra a socialdemocracia quanto contra a ala moderada de seu próprio partido. Não só está operando no mesmo espaço: está trabalhando diretamente nas contradições dentro dessas posições concorrentes. A força de sua intervenção reside em parte no radicalismo de seu compromisso de quebrar o molde, e não simplesmente para retrabalhar os elementos das "filosofias" predominantes. Ao fazê-lo, contudo, toma os elementos que já foram construídos em arco, desmonta-os, reconstitui-os em uma nova lógica e articula o espaço de uma nova maneira, polarizando-o para a direita.

Isso pode ser visto em relação a ambas as posições. A posição Heath foi destruída no confronto com as organizações sindicais. Mas também foi minada por suas contradições internas. Não conseguiu vencer esse confronto; não conseguiu obter o apoio popular para esse encontro decisivo; na derrota, voltou à sua posição "natural" no espectro político, engajando-se em sua própria versão de barganha. O "Thatcherismo" tem sucesso nesse espaço, engajando-se diretamente no "*creeping socialism*" e no "coletivismo de estado" apologético da ala de Heath. Ele se concentra, portanto, no próprio nervo da política de consenso, que dominou e estabilizou o cenário político por mais de uma década. Para sustentar sua possível credibilidade como partido de governo em uma crise de capital, o "Thatcherismo" conserva algumas conexões persistentes e ambivalentes com esse território central: o Sr. Prior é sua voz — mas em *sotto voce*. Por outros motivos, ganhou um espaço considerável com a destruição ativa das políticas de consenso da direita. É claro, ele visa a construção de um consenso nacional próprio. O que ele destrói é aquela forma de consenso na qual a socialdemocracia foi a tendência principal. Essa evacuação do território centrista tem libertado as forças políticas da direita mantidas em domínio durante a maior parte do período pós-guerra.

A contradição dentro da socialdemocracia

Mas a contradição dentro da socialdemocracia é a chave principal para toda essa guinada à direita do espectro político. Pois, se a destruição do "partido" Heath assegura a hegemonia do "Thatcherismo" à direita, é a forma contraditória da socialdemocracia que desorganizou efetivamente a esquerda e a resposta da classe trabalhadora à crise.

Essa contradição pode ser colocada em termos muito simples; dela derivam conclusões estratégicas consideráveis. Como a seguir: para conquistar o poder eleitoral, a socialdemocracia deve maximizar suas reivindicações como o representante político dos interesses da classe trabalhadora e das organizações

sindicais. É o partido capaz de (a) administrar a crise, enquanto (b) defende — com as restrições impostas pela recessão — os interesses da classe trabalhadora. É importante lembrar que a socialdemocracia não é uma entidade política homogênea, mas uma formação política complexa. Não é *a* expressão *da* classe trabalhadora "no governo", mas o principal meio de representação da classe. A representação aqui tem que ser entendida como uma relação ativa e formativa. Ela organiza a classe, constituindo-a como uma força política — uma força política socialdemocrata — no mesmo momento em que ela é constituída. Tudo depende dos modos, dos aparelhos e das "filosofias", dos meios pelos quais os interesses muitas vezes dispersos e contraditórios de uma classe são soldados em uma posição coerente que pode ser articulada e representada nos teatros políticos e ideológicos de luta.

A expressão dessa relação representativa de classe-para-partido, no presente período, dependeu decisivamente do amplo conjunto de barganhas negociadas entre o Partido Trabalhista e os representantes sindicais da classe. Esse "elo indissolúvel" é a base prática para a reivindicação do partido como governante natural da crise. Esse é o contrato que ele entrega. Porém, uma vez *no* governo, a socialdemocracia está empenhada em encontrar soluções para a crise que sejam capazes de ganhar apoio de setores-chave do capital, uma vez que suas soluções são enquadradas dentro desses limites. Mas isso exige que o elo indissolúvel seja utilizado, não para avançar, mas para *disciplinar* a classe e as organizações que ela representa. Isso só é possível se o vínculo — classe-para-partido — for desmantelado e se houver uma articulação alternativa: governo-para-povo. A retórica do "interesse nacional", que é a principal forma ideológica na qual uma sucessão de derrotas foi imposta à classe trabalhadora pela socialdemocracia no poder, são exatamente os locais onde essa contradição se manifesta — e está sendo constantemente retrabalhada. Mas governo-para-povo dissecou o campo de luta de forma diferente de classe-para-partido. Ele coloca o Partido Trabalhista, em momentos chave de luta — desde as greves de 1966 até a atual norma de 5% — por definição "do lado da nação" contra "interesses seccionais", "poder sindical irresponsável", etc.

Esse é o terreno em que o Sr. Heath praticou tais jogos destrutivos com a introdução da Lei de Relações Industriais e suas repercussões na invocação do "grande sindicato da nação" e o espectro de "segurar a nação até o resgate". O "Thatcherismo", empregando os discursos de "nação" e "povo" contra "classe" e "sindicatos" com muito mais vigor e apelo popular, tem se fundado na mesma contradição objetiva. Dentro desse espaço está sendo construída uma ofensiva, não sobre este ou aquele pedaço de "barganha irresponsável" por um determinado sindicato, mas sobre a própria base e *raison d'être* das

organizações sindicais. Um número considerável de pessoas — incluindo muitos sindicalistas — encontra-se representado e realizado através dessa interpelação de "nação" e "povo" no centro desse ataque crescente às organizações defensivas da classe trabalhadora.

Anticoletivismo

Uma vertente intimamente relacionada à nova filosofia da direita radical são os temas do anticoletivismo e do antiestatismo. O “Thatcherismo” deu a essa tradicional arena de “filosofia” conservadora um papel abrangente. No nível da organização de ideologias teóricas, o antiestatismo foi remodelado pelo avanço do Monetarismo como o credo econômico mais célebre. O keynesianismo foi o ponto forte [*lynch-pin*] das ideologias teóricas de intervenção estatal durante todo o período pós-guerra, assumindo quase o status de uma ortodoxia sagrada ou *doxa*. Tê-lo substituído em alguns dos mais poderosos e influentes aparelhos do governo, da pesquisa, das universidades e restaurado em seu lugar Friedman e von Hayeck é, em si mesmo, uma notável inversão. Nem o keynesianismo nem o monetarismo ganham votos no mercado eleitoral. Mas, nas doutrinas e nos discursos dos “valores sociais do mercado” — a restauração da competição e da responsabilidade pessoal pelo esforço e recompensa, a imagem do indivíduo sobrecarregado de impostos, energizado pela manipulação do bem-estar, sua iniciativa esvaziada por esmolas do Estado —, o “Thatcherismo” encontrou um poderoso meio de popularizar os princípios de uma filosofia monetarista: e, na imagem do “*scavenger*” do bem-estar, um demônio popular bem projetado. A elaboração dessa doutrina populista — à qual Sir Keith Joseph e Sr. Boyson, escritores líderes no *Telegraph*, no *Economist* e no *Spectator*, líderes de opinião no *Mail* e *Express* e em muitos outros meios, deram sua atenção indivisível — representa o trabalho ideológico crítico de construir um senso comum populista para o “Thatcherismo”. É uma mistura particularmente rica por causa dos temas tradicionais ressonantes — nação, família, dever, autoridade, padrões, autossuficiência — que nele foram efetivamente condensados. Aqui, elementos de muitas ideologias tradicionais — alguns já consagrados em tempos anteriores aos grandes temas do Conservadorismo popular, muitos outros com uma conotação popular mais ampla — foram inseridos e interligados para fazer um conjunto de discursos canalizados às práticas da direita radical e às forças de classe a que agora aspiram representar.

Aspectos do repertório

Dois aspectos desse rico repertório de antioletivismo devem ser comentados aqui. O primeiro é a forma como esses discursos operam diretamente sobre elementos populares nas filosofias tradicionais e ideologias práticas das classes dominadas. Esses elementos — como argumentou recentemente, entre outros, Laclau — expressam sempre uma contradição entre os interesses populares e o bloco de poder. Uma vez que não têm significado de classe intrínseco, necessário e historicamente fixo, mas podem ser efetivamente compostos como elementos dentro de discursos muito diferentes, eles próprios articulados com e por diferentes posições e práticas de classe, que marcam a neutralização dessa contradição por tê-los colonizado com sucesso, para a direita.

O segundo aspecto é um ponto relativo a esse primeiro. Pois o que é representado aqui (novamente, em sentido ativo) é de fato a materialidade da contradição entre “o povo”, necessidades populares, sentimentos e aspirações — de um lado — e as estruturas impostas de um estado capitalista intervencionista — o estado da fase de monopólio do desenvolvimento capitalista — do outro. Na ausência de qualquer mobilização mais plena das iniciativas democráticas, o Estado é cada vez mais visto e experimentado pelo povo trabalhador comum não como entidade beneficiária, mas como imposição poderosa e burocrática. E essa "experiência" não é mal orientada, pois, em suas operações efetivas em relação às classes populares, o Estado está cada vez menos presente como instituição de bem-estar e cada vez mais presente como o estado de “capital monopolista do Estado”. A socialdemocracia não pode, é claro, explorar nenhum desses terrenos a seu favor. Em primeiro lugar, ela se apegua a uma interpretação neutra e benevolente do papel do Estado como encarnado do interesse nacional acima da luta de classes. Segundo, nas representações da socialdemocracia (e não apenas ali, na esquerda), a expansão do Estado é entendida como, em si mesma e sem referência à mobilização do poder democrático efetivo em nível popular, praticamente sinônimo de "socialismo". Terceiro, o Estado intervencionista ampliado é o principal instrumento por meio do qual o partido da socialdemocracia tenta administrar a crise capitalista em nome do capital. Quarto, nessa fase, o Estado se inscreve através de todas as características e aspectos da vida social. A socialdemocracia não tem estratégia alternativa viável, especialmente para o "grande" capital (e o "grande" capital não tem estratégia alternativa viável para si mesmo), que não envolva o apoio massivo do Estado. Assim, em qualquer polarização ao longo dessa fenda, o Partido Trabalhista está "com" o Estado e o bloco de poder — e a Sra. Thatcher está, indistintamente, lá fora "com o povo". Pode-se ver agora que os elementos antiestatistas nos discursos da direita radical são suportes fundamentais para o novo populismo. Não é um florescimento

retórico. Acrescentar que ela presta algum serviço ao tornar respeitável o ataque da direita radical a toda a estrutura de bem-estar e benefícios sociais é apenas dizer que o trabalho de escavação ideológica, se bem-feito, produz efeitos políticos e econômicos consideráveis.

Educação

Podemos nos voltar para outra área de colonização bem-sucedida pela direita radical: a esfera da educação. Até muito recentemente, os objetivos socialdemocratas de "igualdade de oportunidades" e "remediar a vantagem educacional" eram dominantes em todo o mundo do ensino secundário. A luta pela compreensivização [*comprehensivization*] foi sua assinatura política. A contestação nessa área só gradualmente se desenvolveu, por meio de uma série de intervenções estratégicas. O grupo "*Black Paper*" — no início minoritário — passou de um começo muito modesto a um ponto em que se podia afirmar (e era) que suas preocupações definiam a agenda do "Grande Debate" que o Governo Trabalhista iniciou no ano passado. Nos anos de 1960, a educação "progressista" e "comunitária" fez progressos consideráveis dentro das escolas públicas. Hoje, o "progressismo" está completamente desacreditado: os corpos de toda uma série de tradições bem divulgadas — William Tyndale e seus sucessores, por assim dizer — se espalharam em seu caminho. O pânico pela queda dos padrões e o analfabetismo da classe trabalhadora, os medos em relação aos professores politicamente motivados na sala de aula, as histórias assustadoras sobre a escola urbana "violenta", sobre a degradação dos padrões através da admissão de imigrantes, e assim por diante, têm conseguido virar a maré na esfera da educação para temas e objetivos que estão sendo estabelecidos pelas forças da direita. A imprensa — especialmente aquelas três vozes populares ventríloquas da direita radical, o *Mail*, o *Sun* e o *Express* — desempenharam aqui um papel bastante central. Ela divulgou os "exemplos" de uma forma altamente sensacionalista — e delineou as conexões.

Essas conexões e acoplamentos são os principais mecanismos do processo pelo qual a educação como campo de luta tem sido articulada à direita. Existem resistências longas e profundas dentro da filosofia da educação estatal a qualquer tentativa de medir a escolaridade diretamente em termos das necessidades e exigências da indústria. O fato de que essas resistências muitas vezes foram feitas com ambiguidade não é tão importante para nossos propósitos. Por mais que tenha sido suscitada, essa relutância em cobrar a escola em termos de seu valor imediato para o capital foi uma das razões pelas quais as campanhas poderiam ser sustentadas com alguma esperança de apoio profissional e administrativo. Essas defesas foram agora desmanteladas. Supõe-se que existem provas claras de que os padrões estão caindo: as principais

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.287>

testemunhas dessa tendência alarmante são os empregadores que se queixam da qualidade dos candidatos a vagas de emprego: isso, por sua vez, deve estar tendo um efeito na eficiência e produtividade da nação — num momento em que a recessão favorece a melhoria de ambos. Uma vez que os elementos frequentemente mal fundamentados podem ser costurados nessa cadeia “lógica”, as políticas podem começar a ser mudadas pelos principais educadores da direita política, indiretamente, mesmo antes que eles assumam o comando. E por quê?

Primeiro, porque o terreno em que o debate está sendo conduzido foi tão completamente reconstruído em torno desta nova "lógica" que os fundamentos para a mudança estão se mostrando difíceis de resistir. Segundo, porque o próprio Partido Trabalhista sempre esteve preso entre objetivos concorrentes sobre a escolarização: melhorar as chances das crianças da classe trabalhadora e as piores na educação, e aproveitar a educação para as necessidades de economia e eficiência do sistema produtivo. Podemos ver agora que essa contradição, mesmo dentro do programa educacional socialdemocrata, é uma reformulação do que antes chamávamos de principal contradição da socialdemocracia nesse período. Os especialistas e porta-vozes educacionais, a imprensa educacional, setores da profissão, a mídia, muitos grupos e organizações de interesse educacional têm operado exatamente no local desse dilema e — em condições de recessão — convenceram o governo. Ele, por sua vez, assumiu a liderança na promoção de debates e políticas destinadas a tornar essa equação — sucesso na educação = exigências da indústria — possível.

O “Grande Debate”

Assim, a agenda do "Grande Debate" foi de fato definida para a socialdemocracia pelas forças sociais da direita — e o Governo, que a iniciou, está quase certamente convencido de que este é um grande “debate não político — como deveriam ser os debates sobre educação”. No entanto, para que isso aconteça, uma grande reestruturação do próprio aparelho de Estado teve que ser executada. O DES foi posto de lado, e novos aparatos estatais, capazes de realizar a equação em formas mais imediatas e práticas, passaram para uma posição central no campo — a *Manpower Services Commission*, os novos programas de reconversão da TSA em educação adicional e técnica, e seus suportes auxiliares, etc. Aqui, programas de treinamento e requalificação diretamente voltados para as demandas e movimentos da indústria e a silenciosa desqualificação e requalificação dos desempregados podem prosseguir.

Mais uma vez, isso não é uma estratégia meramente imposta ou retórica. A recomposição do aparato educacional estatal e o redirecionamento de recursos e programas são o lugar de uma construção muito real e profunda de um campo do Estado, desde cima. Mas muitos aspectos da estratégia também parecem ganhar o consentimento e o apoio dos pais. Talvez porque, em um período de empregos escassos, os pais da classe trabalhadora estejam contentes de ver seus filhos passando por um processo de aperfeiçoamento — mesmo que seja para determinados lugares em trabalhos manuais rotineiros ou, em muitos casos, para lugares que dificilmente existirão quando e se a produção industrial se revitalizar. Talvez porque, se a compreensivização [*comprehensivization*], na forma em que foi implementada, e outros programas de educação radical não vão afinal entregar os bens para as crianças da classe trabalhadora, então eles podem ter que se contentar em ser "qualificados" e "classificados" de uma forma que pareça apropriada.

A mudança na estratégia educacional diz para tais pais: você está na classe subordinada educacional; a saída é subir através do aumento da competição educacional; o que conta nessa competição é um treinamento padrão, habilidades sociais aceitáveis, respeito pela autoridade e valores tradicionais e disciplina. Diante dos fracassos massivos das políticas socialdemocratas para escolaridade de modo a inverter a maré de desvantagem educacional, as aspirações positivas dos trabalhadores para a educação de seus filhos podem ser redirecionadas para o apoio a uma educação tradicional, programas de disciplina e "relevância para a experiência industrial". Nos anos de 1960, o envolvimento dos pais pertenceu à "desescolarização" [*de-schooling*] e Ivan Illyich: nos anos de 1970, é um dos cartões mais fortes do pacote educacional sendo embaralhado pelo Sr. St. JohnStevas, porta-voz oculto da Educação.

Lei e Ordem

Se a educação é uma área na qual a direita ganhou território sem ter que ganhar poder, duas outras áreas no *repertoire* da direita radical — raça e a lei e a ordem — são aquelas em que tem assumido tradicionalmente um papel de liderança. Podemos ser breves a respeito delas, pois ganharam considerável atenção da esquerda nos últimos meses. Elas são escolhidas como exemplos aqui apenas para fazer uma observação geral. Sobre lei e ordem, o tema — mais policiamento, penas mais duras, melhor disciplina familiar, o aumento da taxa de criminalidade como índice de desintegração social, a ameaça de ladrões e assaltantes às "pessoas comuns que fazem seus negócios particulares", etc., a onda de anarquia e a perda da lei — é constante nas Conferências do Partido Conservador e é fonte de muitas campanhas populares realizadas por grupos de empresários moralistas [*moral entrepreneur groups*] e editores-executivos. Mas, se

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.287>

o trabalho da direita em algumas áreas conquistou apoio em seu campo, as questões de lei e ordem assustaram as pessoas. Em algumas versões do discurso da direita radical, as interpelações morais têm um papel importante. Mas a linguagem da lei e da ordem é sustentada por moralismos. É onde a grande sintaxe de "bem" *versus* "mal", de padrões civilizados e incivilizados, da escolha entre anarquia e ordem, divide constantemente o mundo e se classifica em suas funções estabelecidas. O jogo sobre "valores" e sobre questões morais nessa área é o que dá à cruzada da lei e da ordem muito de sua compreensão da moral popular e da consciência de senso comum. No entanto, apesar disso, toca concretamente as experiências de crime e roubo, de perda de bens escassos e o medo de ataques inesperados em áreas e bairros da classe trabalhadora; e, como não propõe outros remédios para suas causas subjacentes, aglutina as pessoas àquela "necessidade de autoridade", que tem sido tão significativa para a direita na construção do consentimento para seu programa autoritário.

A raça constitui outra variante, pois, nos últimos meses, as questões de raça, racismo e relações entre as raças, bem como a imigração, têm sido dominadas pela dialética entre as forças radicais respeitáveis e as forças radicais da direita. Foi dito sobre os anos 1960 e início dos anos 1970 que, apesar de tudo, o Sr. Powell perdeu. Isso só é verdade se a forma de toda uma conjuntura for medida pela carreira de um único indivíduo. Em outro sentido, há um argumento que o "Powellismo" venceu: não apenas porque seu eclipse oficial foi seguido pela legislação vigente de muito do que ele propôs, mas por causa das conexões mágicas e curtos-circuitos que o Powellismo foi capaz de estabelecer entre os temas do controle da raça e da imigração e as imagens da nação, do povo britânico e da destruição de "nossa cultura, nosso modo de vida". Eu ficaria mais feliz com o declínio temporário da sorte da Frente se tantos de seus temas não tivessem sido tão rapidamente retrabalhados em um discurso mais respeitável sobre raça pelos políticos conservadores nos primeiros meses deste ano.

Olhei exclusivamente para algumas dimensões político-ideológicas da emergência da direita radical, não para evocar maravilhas em sua extensão, mas para tentar identificar algumas coisas que lhe são específicas, que marcam sua diferença em relação a outras variantes que floresceram desde a Guerra. A primeira é a complexa, mas interligada, relação da direita com a conjuntura e o destino da socialdemocracia quando esta toma o poder em um período de recessão econômica, e tenta fornecer uma solução "dentro de certos limites". É sempre o caso da direita ser o que é em parte devido ao que a esquerda é: aqui estamos lidando com os efeitos de um longo período de liderança socialdemocrata. O segundo é seu sucesso popular

em neutralizar a contradição entre as pessoas e o Estado/bloco de poder e ganhar interpelações populares de forma tão decisiva para a direita. Em resumo, a natureza de seu *populismo*. Mas agora é preciso acrescentar que não se trata de um dispositivo ou truque retórico, pois esse populismo está operando sobre contradições genuínas e tem um núcleo racional e material. Seu sucesso e efetividade não residem em sua capacidade de enganar pessoas insuspeitas, mas na forma como trata de problemas reais, experiências reais e vividas, de verdadeiras contradições e ainda é capaz de representá-las dentro de uma lógica de discurso que as puxa sistematicamente para a linha das políticas e estratégias de classe da direita. Finalmente, e isso não se limita a esta análise, embora pareça especialmente relevante, há a evidência de como as transformações ideológicas e a reestruturação política dessa ordem são realmente realizadas. Ela funciona com base em práticas sociais já constituídas e ideologias vividas. Ela ganha espaço ali, ao se desenhar constantemente nesses elementos que, ao longo do tempo, garantiram uma ressonância tradicional e deixaram seus vestígios nos inventários populares. Ao mesmo tempo, muda o campo de luta ao mudar o lugar, a posição, o peso relativo das condensações dentro de qualquer discurso e as estruturas de acordo com uma lógica alternativa. O que as muda não são “pensamentos”, mas uma prática particular da luta de classes: a luta de classes ideológica e política. O que torna populares essas representações é que elas têm uma aderência prática, elas moldam isso, elas estão escritas em sua materialidade. O que as constitui como um perigo é que elas mudam a natureza do próprio terreno em que as lutas de diferentes tipos estão ocorrendo; e elas têm efeitos pertinentes sobre essas lutas. Atualmente, elas estão ganhando terreno para definir a “conjuntura”. Esse é exatamente o terreno em que as forças da oposição devem se organizar, se quisermos transformá-lo.

Stuart Hall

Marxism Today, janeiro de 1979

Recebido em: 26 de abril de 2022.

Aprovado em: 10 de maio de 2022.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.287>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 22, Nº 46, p.190-204, jan./abr. 2022

Referências:

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**, v. 3 — Antonio Gramsci: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Ed. e trad. de Carlos N. Coutinho. Cord. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LENIN, V. **Às portas da revolução**: escritos de Lenin de 1917. São. Paulo: Boitempo, 2005.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.